

Diversidade e resistência: uma pesquisa sobre as mulheres do Coral Universitário Clarice Sarmiento

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO: Música, gênero, corpos e sexualidades: processos, métodos e práticas de produção sonora dos ativismos feministas decoloniais

Rayssa Karoline Rodrigues Pereira

Universidade Estadual de Montes Claros – rayssa.krp@gmail.com

Maria Amélia Castilho Feitosa Callado

Universidade Estadual de Montes Claros – melcallado@gmail.com

Thauan Chaves Silva

Universidade Estadual de Montes Claros – thauan.silva.945@gmail.com

Resumo. O Coral Universitário Clarice Sarmiento, da Unimontes, é composto, em sua maioria, por mulheres, fato que instiga uma investigação científica sobre os perfis das coristas. Para conhecer a diversidade social, econômica, étnico racial e cultural dessas mulheres, utilizou-se a abordagem quanti-qualitativa, observação participante, análise documental, e questionário, fundamentando-se em Lucy Green (1994), Laila Rosa e Isabel Nogueira (2015), Harue Takana (2018), Djamila Ribeiro (2019), entre outras autoras e autores. Pode-se concluir que, diante das diferenças entre as mulheres desse grupo, constituído majoritariamente por idosas, prevalece a resistência pela música frente à desigualdade social, econômica, racial e de gênero.

Palavras-chave. Mulheres. Coral universitário. Educação musical. Diversidade. Resistência.

Abstract. The Clarice Sarmiento University Choir, from Unimontes in most part is composed by women, whose instigates a scientific search about the profiles of choristers. To know the social diversity, economic, racial and cultural diversity between this women, we used the quantitative-qualitative approach, participant observation, documentary analysis and questionnaire, based on the ideas proposed by Lucy Green (1994), Laila Rosa e Isabel Nogueira (2015), Harue Takana (2018), Djamila Ribeiro (2019). Therefore, concluded the differences between those women in this group, in most part old age, the resistance for music prevails in the face of social, economic, racial and gender inequality.

Keywords. Women. University choir. Music education. Diversity. Resistance.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo compreender os diferentes perfis das mulheres integrantes do Coral Universitário Clarice Sarmiento (CUCSA) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Essa investigação pôde ser realizada a partir do Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária da Unimontes que possui os

objetivos específicos de conhecer o perfil sociodemográfico do grupo e os impactos da prática coral na vida dos/as integrantes. Nesse sentido, essa pesquisa com foco nas coralistas se justifica pela necessidade de identificar as diferenças sociais, econômicas, étnicas e culturais entre elas. Ademais, de acordo com Lousie Clemente (2014) faz-se necessário pesquisas sobre coros universitários com a perspectiva dos/as coralistas, gerando contribuição para a área musical. Assim sendo, para melhor compreender o universo dessa pesquisa, foi realizada uma breve reflexão sobre a contextualização da prática coral até a realidade do CUCSA.

Segundo De Figueiredo (1989), a prática coral acontece há séculos e em diversos lugares do mundo e foi, por muito tempo, conectada ao religioso e ao social. Porém, pensando a forma coral como parte integrante de uma instituição educacional, pode-se destacar, segundo o Anuário Viva Música (2010), que em 1931, o Canto Orfeônico - projeto de Villa Lobos - foi um grande influenciador na educação musical marcando a prática coral brasileira nas escolas e, conseqüentemente, nas universidades.

Conforme a revisão de literatura, o CUCSA foi criado em 1992 com o nome de Coral Universitário da Unimontes que, segundo Nascimento; Araújo e Rodrigues (2011), foi concebido por meio de um projeto de extensão do Departamento de Artes em parceria com a Pró-reitoria de Extensão e a Coordenadoria de Extensão Cultural, da Unimontes, com a participação de discentes e docentes da instituição. Ao longo dos anos, o coral sofreu rodízio de integrantes, coordenadores e regentes, tendo atualmente um maior envolvimento da comunidade em geral.

Visando essas alterações de integrantes na forma coral, De Figueiredo (1989) relata que aos poucos, durante a história da humanidade, houve a inserção de “leigos” na atividade coral. Para ele, tal mudança fez com que, aparentemente, houvesse a aproximação do “leigo” à realização musical. O autor ainda declara que o ensaio de corais além de ser um treino, pode ser um espaço de aprendizagem musical, podendo ir além das metas extra-musicais, como apresentado por Penna (1990), sendo um instrumento de musicalização, que depende das formas pedagógicas utilizadas.

Em vista de tantas peculiaridades do CUCSA, foi buscado, no referencial teórico, artigos científicos, dissertações e livros com temáticas sobre o canto coral e corais universitários no Brasil (CLEMENTE, 2014; FUCCI, 2007; CAMPOS, CAIADO, 2007; FIGUEIREDO (1989); PENNA (1990), acerca da educação musical baseados na questão do gênero (GREEN, 1994; TAKANA, 2018; ROSA, NOGUEIRA, 2015), e sobre questões étnico-raciais, de gênero e socioeconômicas (RIBEIRO, 2019; SEGATO, 2005). Observou-se

em alguns textos (FUCCI, 2007; CLEMENTE, 2014) as especificidades que podem ser encontradas em corais universitários, como a diversidade étnica e cultural, mostrando a presença da multiculturalidade nesse espaço. Sobre isso, Maura Penna (2012) aponta o quanto é importante pensar em uma educação musical livre de preconceitos ao valorizar a multiculturalidade fazendo com que haja contribuições na formação de seres mais tolerantes.

Ademais, Lucy Green (1994) discute a sociedade patriarcal como estrutura social com várias relações de poder. Essas relações incluem valores econômicos e físicos que privilegiam o poder dos homens em detrimento ao das mulheres, já que, têm-se expectativas sobre o comportamento feminino, como os afazeres domésticos. Laila Rosa e Isabel Nogueira (2015) também discutem sobre os espaços e ocupações que as mulheres são “destinadas” pelo patriarcalismo:

O tempo empregado em configurar-se e perfazer-se, individualmente, em um modelo exemplar de mulher, mãe, esposa, amante, profissional bem-sucedida, portadora (mas não dona) de um corpo cultivado dentro dos padrões ditados diariamente pelas propagandas, novelas e meios de comunicação, traz consigo um alto preço: a ausência de foco na capacidade de realizar escolhas, concretizar desejos e tomar decisões. Veicular um modelo de feminino restrito e não diversificado, do qual muitas mulheres simplesmente não farão parte, porque sua estrutura ou cor da pele não atenderiam, é apenas uma parte dele. (ROSA; NOGUEIRA, 2015, p. 50)

Esse trabalho busca conhecer as coristas levando em conta as suas condições econômicas, culturais e étnicas, além do lugar social que elas ocupam. Ribeiro (2019), grande representante do feminismo negro no Brasil, discute sobre o lugar de fala esperado da mulher na sociedade “[...] mulheres ainda são aquelas moldadas para desempenhar o trabalho doméstico e obrigadas a serem as maiores responsáveis pela criação dos filhos. Mulheres, sobretudo, negras, partem de pontos diferentes e conseqüentemente desiguais.” (RIBEIRO, 2019, p. 65). A autora aprofunda esse debate sobre a pressão de cumprir esses papéis que são pré-estabelecidos pela sociedade, ainda mais sendo uma mulher negra. Nesse sentido, Lucy Green (1994) também aponta que é um erro generalizar as mulheres sem considerar as diferenças sociais e históricas entre elas. Por esses e outros fatores, é percebida não só uma diversidade, mas também uma resistência na luta em continuar o trabalho musical no CUCSA pelas mulheres desse grupo.

Nesse contexto, uma visão fenomenológico-existencial, Ribeiro (2007) aponta a resistência como: “Qualquer força, portanto, que se oponha a outra chama-se resistência,

independentemente de qualquer finalidade secundária que o encontro dessas duas forças possa ter.” (RIBEIRO, 2007, p.74). Em um sentido grupal, ele reflete que resistência “[...] é a expressão do sistema interno de relações que a pessoa ou o grupo estabelece com o mundo.” (RIBEIRO, 2007, p.74). A concepção de resistência das mulheres enquanto integrantes do CUCSA adotada nesse trabalho, enfim, está interligada a diferentes pontos, que se dá por meio do gênero e da sua inter-relação entre as questões étnicas e de classes, como aponta Segato (2005), por exemplo, trazendo à tona as raízes das estruturas da sociedade, que privilegia determinados corpos em função de outros.

As posições, enquanto afloramento de relações estruturais, têm rosto. A moderna racionalidade de classes se desliza para uma racionalidade pré-moderna e perene de castas e status relativos que se expressam na marca étnica ou racial. O sujeito passa a perceber-se cativo de uma armadilha sociológica concebida como oriunda e determinada por estrutura estável, a - histórica. Este efeito de a – historicidade alcança as visões estruturalistas da mente, da psique e da cultura, que aprisiona os signos numa paisagem inerte e inapelável. (SEGATO, 2005)

À vista disso, as relações humanas são geracionais, já que: “As gerações, assim como as classes sociais, não existem isoladamente, mas em referência mútua, contraposição, ou até oposição umas às outras. Uma geração é ou se torna aquilo que o jogo de poder permite nas relações com as outras” (MOTTA, 2004), dessa maneira, entre as categorias discutidas nesse artigo, como gênero, questões sociais, econômicas e étnico-raciais, há com certeza uma interseção que perpassa pelas questões geracionais na estrutura da sociedade patriarcal.

2. Metodologia

Esta pesquisa possui uma abordagem quanti-qualitativa, visto que, a “pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa devem compor, juntas, o universo da investigação, pois suas abordagens são, acima de tudo, complementares” (QUEIROZ, 2006, p. 97). Por isso, foi considerado não só as questões numéricas, mas também o conhecimento teórico aprofundado dos diferentes perfis das mulheres do CUCSA, precisando haver cruzamento de dados, cujo universo da pesquisa foi o próprio coral.

Para tanto, como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a observação participante nas apresentações e ensaios do coral durante os meses de fevereiro e parte do mês de março do ano de 2020, análise de documentos do CUCSA, como fotografias, vídeos. Informações metodológicas do grupo também foram obtidas através de grupos de *Whatsapp*

do coro, bem como relatos da regente e coordenadora do coral, que é uma das colaboradoras dessa pesquisa, e uma figura ímpar na trajetória do CUCSA. E, por fim, a aplicação de questionários com todas as coralistas vigentes no projeto, pelo Google *Forms*, constituído de 15 perguntas, sendo cinco perguntas fechadas, de múltipla escolha, e dez abertas, que surgiram conforme a necessidade e o objetivo da pesquisa. Como acordado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os nomes das pesquisadas serão preservados.

As primeiras cinco questões do questionário versavam sobre aspectos básicos e pessoais, como nome, idade, data de nascimento, profissão, e qual profissão anterior caso fosse aposentada ou dona do lar. Logo, seguiram com mais perguntas sobre o perfil sociodemográfico, como autodeclaração étnico racial, renda familiar per capita, e número de pessoas que coabitam em casa, depois foram questionados aspectos relacionados à música e ao CUCSA.

3. Resultados

Pelo levantamento de dados, há 35 integrantes no coral atualmente: a regente, nove cantores, e 24 cantoras. Dessa forma, Tanaka (2018) pode contribuir para essa interpretação desse dado ao afirmar que: “Quando falamos de mulheres na música estamos nos referindo a uma minoria que só nessa última década vem impondo sua visibilidade e tendo a coragem de enfrentar o sistema hegemônico com mais veemência.” (TANAKA, 2018, p. 10). Essa minoria tornou-se maioria no CUCSA justamente pela resistência frente aos desafios permitindo a notoriedade, ao passo que, devido a um preconceito pela associação do canto ao “feminino”, exposto por Romero (2010), não há tanta participação de homens nesse coral.

O Coral Universitário foi batizado com o nome Clarice Sarmiento, que é uma figura importante para a música em Montes Claros. A Professora Clarice Sarmiento foi regente do Coral Universitário e desde muito cedo lecionou no Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez (CELF) – referência em Minas Gerais – e regeu o Coral do CELF no qual a regente do CUCSA já fora corista e solista. Portanto, a figura que leva o nome do CUCSA é uma regente, musicista e pesquisadora, que influencia a todos e todas que a conhecem a fim de manter uma cultura vigorosa da regência coral.

Além disso, das 24 coristas, 22 puderam responder o questionário, portanto, considerou-se 22 mulheres como 100% nessa pesquisa, que apontou a diversidade de idade das coristas no seguinte Gráfico 1:

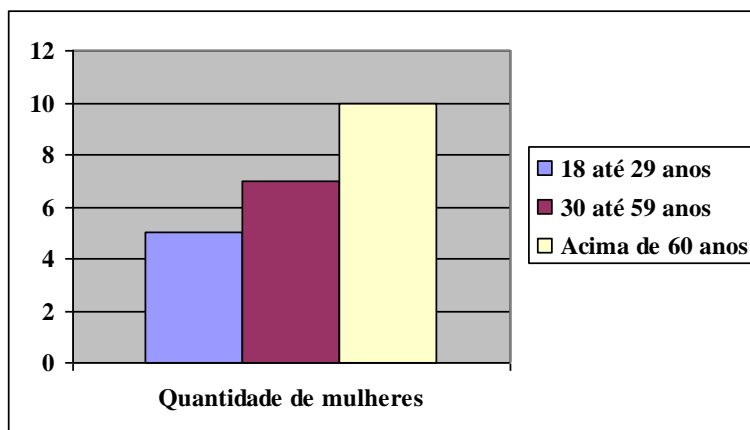


Gráfico 1: Gráfico da idade das mulheres do Coral Universitário Clarice Sarmento pelos dados de pesquisa, Google Forms, Montes Claros, 2020.

Considerando jovens as pessoas de 18 até 29 anos e adultas, de 30 até 59 anos de idade, há um total de cinco jovens e sete adultas. Enquanto, foram contabilizadas dez coralistas, 45%, com mais de 60 anos de idade, entre essas dez idosas, sete são aposentadas ou dona do lar atualmente. Contudo, não era a proposta do CUCSA formar um coral de idosas, mas sim, um coro juvenil, o que se tornou inviável pelo não oferecimento de auxílio monetário aos acadêmicos integrantes do projeto. Esse ponto pode ser positivo, tanto para regência atual desse coral, quanto para as pesquisadoras Campos e Caiado (2007) ao discutirem que apesar da bolsa parecer um atrativo para presença de mais universitários, pode haver mais injustiças com aqueles/as que não teriam direito a esse benefício, como nesse caso, as idosas que, sustentaram o funcionamento do CUCSA nos últimos quatro anos com participação constante e ativa.

Quanto à autoidentificação étnica racial, 59,1% das cantoras se autodeclaram pardas, 22,7% brancas, enquanto apenas 18,2%, quatro mulheres, se consideram pretas, conforme mostrado no gráfico. Sobre a condição econômica delas, 45,5% das coralistas tem renda per capita de 1 a 3 salários mínimos, 27,3% de zero até 1 salário mínimo, e 22,7% possuem de 3 a 5 salários mínimos, e somente uma delas declarou ter renda de 5 a 9 salários mínimos. Na questão sobre quantas pessoas moravam com elas em casa, 31,8% moram com uma pessoa, 18,2% dividem a casa com mais duas pessoas, 27,3% com três pessoas e as outras 18,2% moram sozinhas, e uma pessoa somente mora com mais de quatro pessoas.

O cruzamento de dados do parágrafo anterior converge com as ideias de Segato (2005), mostrando que, pela maioria, as mulheres não-brancas são aquelas que possuem menor renda. Fato que, paralelo com a faixa-etária das coristas e com a posição profissional – na qual 45% se identificou como dona de casa e/ou aposentada – é possível retomar as ideias de Motta (2004) com a interconexão dos campos de gênero e geração, já que, algumas coralistas afirmaram que o esperado delas é que fiquem em casa cuidando de afazeres domésticos e não nos palcos, por isso, os ensaios e apresentações do coral são para elas momentos de escape dessa rotina do lar que faz parte de um grande sistema, que segundo Ribeiro (2019), é estruturalmente opressivo.

Sobre a experiência musical das integrantes em outros grupos vocais, três das mulheres disseram não ter tido outra prática em coros além do CUCSA, enquanto 19 delas já possuíam experiência e/ou atuam em mais de um coral. Em relação à formação musical, formal ou informal, três também consideram não possuir, enquanto as outras 19 já fizeram ou fazem cursos de música em conservatórios, igrejas, workshops, entre outros. Não obstante, 68,2% das coristas afirmam não saber ler partitura, enquanto apenas 31,8% declararam ter essa habilidade. Esta questão foi abordada não por ser um papel determinista e muito menos com intuito de constrangê-las, mas sim, porque a notação musical convencional era uma forma usual em que as músicas eram lidas pelos cantores/as no coro da Unimontes. Porém, a partir dessa demanda de pessoas com experiências musicais distintas, a regente, além de realizar oficinas de teoria musical, modificou por completo a metodologia dos ensaios.

Na nova metodologia, cada naipe vocal das músicas ensaiadas é gravado pela regente e enviado via grupo de *whatsapp*, intitulado “Biblioteca Musical do Coral”, nele também há as partituras do repertório para o acesso livre das/dos coristas. Para que ninguém se sinta excluído/a, a letra das músicas – que passaram a ser, predominantemente, música popular – são escritas no quadro negro durante os ensaios enquanto a professora ensina a melodia e rege, até que todas e todos memorizem as músicas. Por isso, as apresentações do CUCSA, que acontecem *à capella*, passaram a ser também sem consulta à partitura, visto que todas e todos memorizam o repertório, o que as/os deixam livres para performar nos palcos.

No que tange aos enfrentamentos ou não de barreiras para participar do CUCSA, seis afirmaram que não sentem dificuldades para participar do coral. Enquanto 16 descreveram que sentem dificuldades, como coincidência do horário de trabalho com horário de ensaio, o não conhecimento teórico musical, problemas de locomoção, moradia distante da

Unimontes, afastamento por recomendação médica, rotina intensa da faculdade aliada a questões físicas e psicológicas.

Por outro lado, acerca do valor do CUCSA na vida das coristas, elas atribuíram ao grupo palavras como felicidade, descanso e desestresse. Outras disseram que têm o CUCSA como: desafio e superação pessoal, elevação da autoestima, amor à música, momento de socialização, aprendizado, prática do canto em grupo, momento de se dedicar a uma atividade prazerosa, crescimento e aprimoramento vocal, vivências e experiências, componente importante para o currículo, auxílio no controle da ansiedade, tempo de aprendizado, lazer e conquista de habilidades e dedicação. Logo, quando questionado se houve ou não mudanças na vida das coralistas a partir do grupo, duas mulheres responderam que “não”, e uma que “ainda não” e as outras 19 descreveram que sim, como: prazer de cantar, melhor socialização, novos aprendizados, melhor autoestima, intimidade com o canto, equilíbrio emocional, esperança em ser afinada, aprendizado de técnica vocal, melhor qualidade de vida, e melhor percepção vocal.

Enfim, respostas como de Bela, de 52 anos, descrevem bem as mudanças de cunho pessoal que podem ser inspiradas pela participação em grupos musicais inclusivos como o CUCSA: “Sim! Me sinto mais útil, mais feliz, mais segura, menos inibida.” (BELA, 2020). Ou ainda, Larissa, de 73 anos, “Trouxe muita alegria para a minha vida!” (LARISSA, 2020), mostrando que, de acordo com Aquino, Araújo e Ferreira (2015), o canto coral pode agregar para a autoestima e qualidade de vida de pessoas na terceira idade, garantido, então, a valorização dessas idosas.

4. Considerações Finais

O Coral Universitário Clarice Sarmiento carrega a missão de levar um nome de referência na música do Norte de Minas, e conta com uma regente que sabe valorizar as diferenças, apoiando as integrantes idosas, uma vez que elas se fazem presente e se dedicam há anos para a continuidade da vigência desse grupo. A diversidade étnica, econômica, social e cultural é um fato nesse coral e faz com que o CUCSA possua uma característica inclusiva, onde a educação musical acontece pela multiculturalidade. Diante dessas diferenças, a resistência aqui refletida nesse artigo se dá por diferentes ângulos:

O primeiro ângulo é um olhar sobre a regente, que decidiu coordenar um grupo diverso apesar de críticas recebidas, em se reinventar pedagogicamente quebrando os

paradigmas de um ensinamento tradicional na prática coral institucional, pela notação musical convencional e de repertório, em sua maioria, erudito. O segundo é pelas mulheres integrantes do CUCSA, que são maioria e não possuem qualquer estímulo monetário para estar nesse espaço, que possui um perfil sem privilégios sociais e econômicos, por serem, em sua maior parte, idosas, pardas, ou seja, negras de pele não retinta, e de classe média baixa. Essas mulheres resistem pelo tamanho da força que possuem enquanto seres individuais e enquanto grupo não se deixando intimidar, mesmo diante de suas diferenças, persistem em ocupar um espaço na academia, onde esbarram com dificuldades de várias naturezas, mas escolhem permanecer.

Enfim, essa força encontrada nas mulheres do CUCSA pôde ser descrita pelo amor à música. Motivada pela elevação da autoestima e pertença na música mediante ao canto coral elas lutam para conquistar seu espaço, a cada ensaio, apresentação, e dificuldade que é imposta, elas resistem e se unem pelo poder em aprender e performar. Por isso, essa pesquisa continuará em desenvolvimento para conhecer a fundo a história de vida dessas mulheres músicas.

Referências

ANUÁRIO VIVA MÚSICA. *Um breve histórico: dos jesuítas a Villa-Lobos, passando por José Maurício, algumas experiências que levaram música à sala de aula*. Rio de Janeiro: Viva Música! Edições, 2010, p. 17-18.

AQUINO, F.S.de; ARAÚJO, D.M.F; FERREIRA, L.P. Idosas Coristas: Valores Atribuídos ao Envelhecimento. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, 18(4), pp. 117-131, 2015. Disponível em: <http://200.144.145.24/kairos/article/view/27378> Acesso em: 10 maio 2020.

CAMPOS, Ana Yara; CAIADO, Katia Regina Moreno. *Coro universitário: uma reflexão a partir da história do Coral Universitário da PUC-Campinas, de 1965 a 2004*. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 17, 59-68, set. 2007. Disponível em: <http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/281> Acesso em: 12 maio 2020.

CLEMENTE, Louise. *Estratégias didáticas no canto coral: Estudo multicaso em três corais universitários da região do Vale do Itajaí*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Programa de Pós-graduação em Música. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006a/00006a59.pdf> Acesso em 11 maio 2020.

DE FIGUEIREDO, Sergio Luiz Ferreira. A função do ensaio coral: treinamento ou aprendizagem?. *OPUS*, v. 1, n. 1, p. 72-78, 1989. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/9> Acesso em: 21 ago. 2020.



FUCCI, Rita Amato. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. *Opus*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/295> Acesso em: 12 maio 2020.

GREEN, Lucy. *Gender, musical meaning, and education*. *Philosophy of Music Education Review*, v.2, n.2, 1994, p.99-105.

DA MOTTA, Alda Britto. Gênero, idades e gerações. *Caderno CRH*, v. 17, n. 42, 2004. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18727> Acesso em: 21 ago. 2020.

NASCIMENTO, Karen Luane; ARAÚJO, Jéssica Dayana Alves; RODRIGUES, Julyane Batista. As práticas musicais do Coral Universitário da Unimontes: ensino e aprendizagem. In: VII ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM, 2011, Montes Claros. *Anais [...]* Montes Claros, MG, p. 386 – 390.

PENNA, Maura. *Reavaliações e buscas em musicalização*. São Paulo: Loyola, 1990.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: perspectivas para o campo da etnomusicologia. *Claves: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa*, n. 2, p. 87-98, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves/article/view/2719/2324> Acesso em: 20 ago. 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. A resistência olha a resistência¹. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 23 n. especial, 2007, p. 073-078

ROMERO, Nieves Hernández. A influência da educação musical na transmissão de papéis sociais associados ao gênero. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 5, n. 1, p. 81-92, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6202709> Acesso em: 16 maio 2020.

ROSA, Laila; NOGUEIRA, Isabel. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. *Revista Vórtex*, Curitiba, v.3, n.2, 2015, p.25-56. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/887>. Acesso em: 16 maio 2020.

SEGATO, Rita Laura. Raça é signo. *Série antropológica*. Brasília, 2005. Disponível em: <http://dan.unb.br/images/doc/Serie372empdf.pdf> Acesso em: 21 ago. 2020.

TANAKA, Harue. Mulheres na Música: uma trajetória de luta e invisibilidade através da lente de uma pesquisadora. *Claves*, Vol. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves/article/view/42277>. Acesso em: 11 maio 2020.